

ENSINO DOS CARACTERES CHINESES AOS APRENDIZES BRASILEIROS

CHINESE CHARACTERS TEACHING TO BRAZILIAN LEARNERS

Flavia Wen Chun Tso¹

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Resumo: A demanda pela língua chinesa tem demonstrado um grande crescimento no Brasil nos últimos anos por causa do rápido desenvolvimento econômico da China e as relações comerciais. Com a instalação do Instituto Confúcio (IC) em diversas universidades brasileiras, o mandarim tem-se tornado cada vez mais popular. Muitas escolas de idioma locais também estão começando a oferecer cursos de mandarim, fornecendo mais opções aos interessados. No entanto, é perceptível que as estratégias de ensino tomadas pelas escolas ainda se mantêm imaturas. Percebe-se, ainda, que o grande desafio dos aprendizes brasileiros que se propõem a estudar o idioma consiste, principalmente, na aquisição da escrita chinesa. Essa dificuldade não se deve apenas à singularidade do código linguístico do idioma em questão, mas também à metodologia desenvolvida em sala de aula. Dessa forma, o objetivo deste artigo é apresentar sugestões de atividades que possam contribuir para o ensino e a aprendizagem da escrita chinesa pelos aprendizes brasileiros e, deste modo, propiciar mais qualidade no ensino.

Palavras-chaves: mandarim; caracteres chineses; língua estrangeira; ensino.

Resumen: La demanda por la lengua china ha demostrado un gran crecimiento en Brasil en los últimos años por el rápido desarrollo económico de China y las relaciones comerciales. Con la instalación del Instituto Confucio (IC) en diversas universidades brasileñas, el mandarín se ha vuelto cada vez más popular. Muchas escuelas de idiomas locales también están empezando a ofrecer cursos de mandarín, proporcionando más opciones a los interesados. Sin embargo, es perceptible que las estrategias de enseñanza utilizadas por las escuelas todavía se mantienen inmaduras. Está claro, todavía, que el gran desafío de los aprendices brasileños que se proponen a estudiar el idioma consiste principalmente en la adquisición de la escritura china. Esta dificultad no se debe solo a la singularidad del código lingüístico del idioma en foco, sino también a la metodología desarrollada en las clases. Por esto, el objetivo de este artículo es presentar sugerencias y propuestas de actividad que puedan ser consideradas en la enseñanza de la escritura china a los aprendices brasileños, a fin de contribuir a alcanzar la enseñanza de más calidad.

Palabras-claves: mandarín; caracteres chinos; lengua extranjera; educación.

Submetido em 18 de agosto de 2019.

Aprovado em 14 de março de 2020.

¹ Possui graduação em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2017), mestrado em Lingüística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2019). Email: flavia_tso@hotmail.com.

Introdução

A demanda pela língua chinesa vem crescendo ao longo do tempo no Brasil por motivo do rápido crescimento econômico da China. Nos últimos anos, com a instalação do Instituto Confúcio (IC) em diversas universidades brasileiras (como UNESP, UNICAMP, UFMG, UFRGS etc.), o mandarim² tem se tornado cada vez mais popular no país. O programa IC começou em 2004 e está supervisionado pelo Departamento do Conselho Internacional de Língua Chinesa (Hanban). Os institutos têm como objetivo promover a cultura chinesa e apoiar o ensino de mandarim internacionalmente. De acordo com a estatística publicada pela agência de notícias Xinhua (2018)³, até o mês de dezembro de 2018, a China já estabeleceu 548 institutos Confúcio em 154 países e regiões. No Brasil, muitas escolas de idioma locais também estão começando a oferecer cursos de mandarim, fornecendo mais opções de estudo aos interessados.

Apesar da grande demanda do curso desse idioma, é notável que as estratégias de ensino tomadas pelas escolas ainda se mantêm imaturas. Além disso, há diversos fatores que dificultam um ensino de qualidade, por exemplo, a falta de livro didático em português para permitir o aproveitamento máximo do conteúdo por falantes sem conhecimento em inglês; a falta de professores com domínio em português para que as dúvidas sejam atendidas com mais esclarecimento e, por último, a falta de estratégias que permitam, dentro dos programas, maior acesso à conversação da língua-alvo. Ainda, é notável que o grande desafio para quem se propõe a estudar mandarim consiste, principalmente, na aquisição da escrita. A dificuldade dos alunos não se deve apenas à singularidade do código linguístico do idioma, mas também à metodologia desenvolvida em sala de aula. Desse modo, o presente trabalho busca apresentar sugestões e propostas de atividade que possam ser consideradas no ensino da escrita chinesa aos aprendizes brasileiros.

Após esta introdução, são apresentadas as características da escrita chinesa; na terceira parte, apresenta-se o sistema *Pinyin*, método atual utilizado para transcrição fonética do mandarim; na quarta parte, são discutidas sugestões e atividades para o ensino dos caracteres chineses e a última parte corresponde à conclusão do trabalho.

1. Escrita chinesa – Hanzi

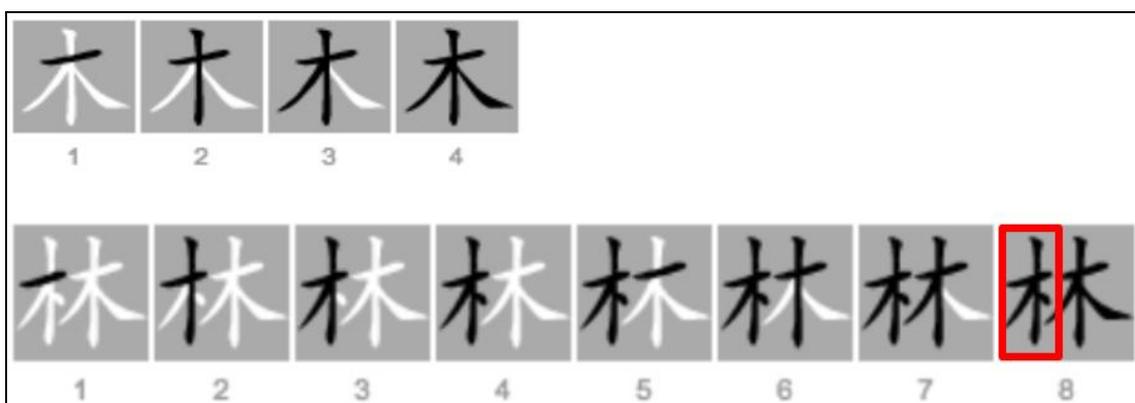
²Neste trabalho, não se faz distinção entre o uso do termo mandarim e língua chinesa.

³Disponível em: http://www.xinhuanet.com/world/2018-12/05/c_1210009045.htm

A escrita chinesa é formada por logogramas⁴ conhecidos como *Hanzi* (汉字), que correspondem à menor unidade semântica no mandarim (DUANMU, 2007). Nessa expressão, Han (汉) refere-se ao maior grupo étnico da China, representando aproximadamente 91% da população do país, enquanto Zi (字) significa palavra.

Há duas estruturas ortográficas básicas que compõem um caractere⁵: os traços e o componente. Ressalta-se que os traços também são materiais essenciais para a formação do componente. Isso é melhor interpretado na Figura 1 a seguir.

Figura 1: Componentes na formação de caracteres chineses



Fonte: As autoras, com uso do site zidic (2019)⁶

木 significa *madeira*(e *árvore* na língua arcaica)cuja composição são quatro traços, conforme apresenta a figura anterior. A noção de *traços* equivale aos traços que utilizamos nas letras romanas. Na escrita de *hanzi*, há 28 tipos de traços e o número de traços que compõem um caractere pode variar de 1 a 30. Por exemplo, na palavra 人 (pessoa), há dois traços; em 鱼 (peixe), 8 traços e em 餐 (refeição), são 16 traços.

Já no *hanzi* 林 (floresta), exemplificado também na Figura 1, 木 torna-se seu componente radical, indicando a sua ideia essencial: floresta é formada por árvores. Percebe-se que 木 pode existir como um *hanzi* independente, contudo ao mesmo tempo, pode servir como componente radical para formação de outros caracteres. O componente radical na escrita chinesa pode ser entendido como o radical de uma palavra derivada no português, como *pedreira*.

Para muitos alunos brasileiros, o *hanzi* é, sem dúvida, a parte mais árdua no

⁴De acordo com Dubois et al (2006), “chama-se logograma o desenho correspondente a uma noção ou à sequência fônica constituída por uma palavra”.

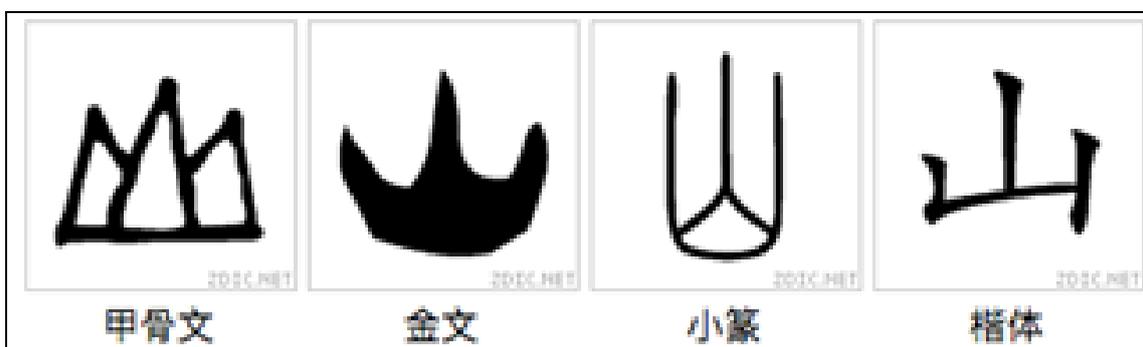
⁵Neste trabalho, não se faz distinção entre o uso do termo *hanzi* e caractere.

⁶Disponível em: <http://www.zdic.net/>

aprendizado do idioma pela quantidade de traços e pela difícil memorização. No entanto, é importante saber que a escrita chinesa *não é apenas um desenho sem ordem e sem lógica*. Segundo Tso (2005), os caracteres chineses podem ser classificados em seis categorias, a saber, forma pictográfica, forma ideográfica, forma associativa, forma picto-fonética, forma derivada e, por último, forma emprestada. Em seguida, é apresentada cada uma dessas categorias.

1) Forma pictográfica: *hanzi* criado a partir de objeto real. É uma representação do ser ou do ente da natureza pela imagem. Por exemplo, iniciando pela montanha real, é desenhada uma representação gráfica que, ao longo do tempo, foi simplificada para ser reproduzida de maneira mais simples e uniforme, como ilustra a Figura 2 a seguir. Essa figura mostra a mudança na representação 山 (montanha) até chegar ao *hanzi* utilizado atualmente. Os caracteres pertencentes a essa categoria são, geralmente, as escritas mais antigas. Por não ser uma forma prática – já que nem todas as ideias podem ser desenhadas – foram desenvolvidas outras formas de criação ortográfica.

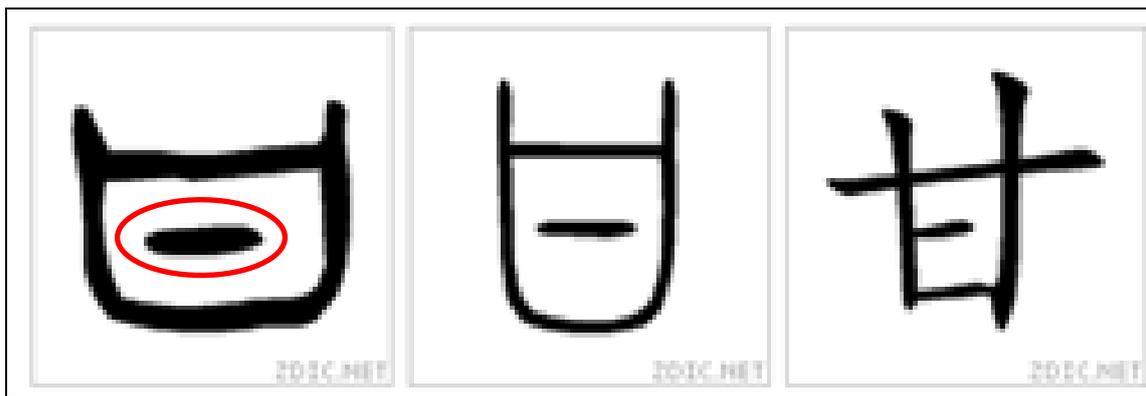
Figura 2. Exemplo de caractere pertencente à categoria pictográfica



Fonte: As autoras, com uso do site zidic (2019)

2) Forma ideográfica: é uma modificação dos caracteres pictográficos por meio da adição de um ou mais traços para representação de ideias abstratas. Por exemplo, a palavra *doce* em chinês, conforme ilustra a figura 3 a seguir, é representada pela escrita 甘. Nesse ideograma, tem-se a adição de um traço horizontal, destacado em vermelho na figura, em cima do desenho com formato de língua, indicando gosto.

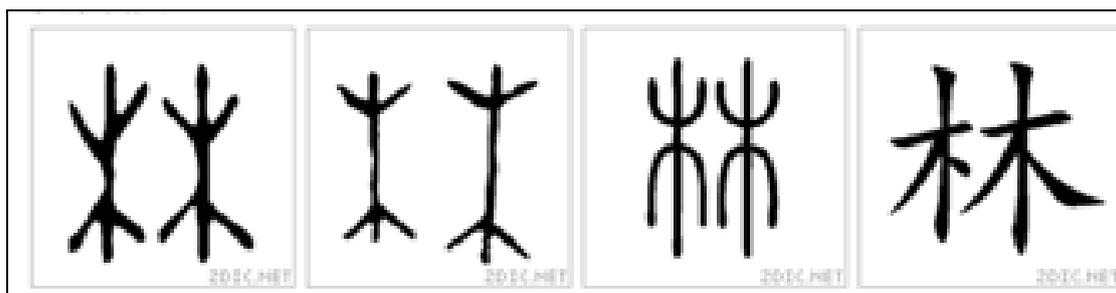
Figura 3. Exemplo de caractere pertencente à categoria ideográfica



Fonte: As autoras, com uso do site zidic (2019)

3) Forma associativa: nesse caso, o *hanzi* é formado por dois caracteres já existentes na língua. Por exemplo, 木 significa madeira, assim que dois 木 são postos juntos, forma-se o novo *hanzi* 林 com significado de floresta, conforme ilustra a figura abaixo.

Figura 4. Exemplo de caractere pertencente à categoria associativa



Fonte: As autoras, com uso do site zidic (2019)

4) Forma picto-fonética: são caracteres compostos a partir de critérios fono-semânticos. É o método mais econômico que permite ampliar o número de *hanzis*. As escritas pertencentes a essa categoria possuem uma parte pictográfica, indicando a ideia básica, e outra parte fonética, servindo como pista de pronúncia. Por exemplo, 鱼 (peixe), como ilustra a Figura 5 a seguir, é um *hanzi* pictográfico. Para nomear famílias de peixes diferentes, os *hanzis* como 鳊 (enguia), 鲨 (tubarão) e 鲤 (carpa) foram criados. Nesses caracteres, 鱼 torna-se o componente radical, indicando a ideia essencial, enquanto 曼, 沙 e 里 atuam somente como componente fonético. Ou seja, se o aprendiz souber a pronúncia dos caracteres 曼, 沙 e 里, serão capazes de adivinhar, respectivamente, as pronúncias de 鳊, 鲨 e 鲤.

Figura 5. Mudança na representação 鱼 (peixe)



Fonte: As autoras, com uso do site zidic (2019)

5) Forma derivada: nessa categoria, caracteres que possuem parte sem comum apresentam significados similares. Por exemplo, tanto 巛 quanto 頁 apresentam 頁 nas suas escritas, conseqüentemente, ambos possuem sentido semelhante: topo.

6) Forma emprestada: sabe-se que a fala tende a sofrer transformação mais rápido em relação à escrita. É comum uma expressão já existente na forma coloquial ainda não possuir forma escrita. Sendo assim, surgiu-se o método de *empréstimo*. Por exemplo, na China Imperial, existia o cargo do governo central chamado *magistrado local*, o oficial encarregado de província ou de município. Na fala, *magistrado local* era pronunciado como [ʃən·lin]⁷, [ʃən] era escrito como 县, indicando província ou município. No entanto, [lin] ainda não possuía a forma escrita. Para isso, empregou-se o 令 ([lin]) de 命令 ([min·lin], com significado de *ordem*) para a nova expressão 县令 (magistrado local).

A língua chinesa, por apresentar código linguístico diferente do português, torna-se complexa para os aprendizes brasileiros que estão acostumados com escrita alfabética e que necessitam apropriar-se de um novo sistema, o logográfico, no qual a pronúncia da palavra não é indicada diretamente pela escrita. Ademais, uma mesma pronúncia pode ser representada por diversos caracteres diferentes e com significados distintos. De acordo com Leng e Wei (1994), em um total de 87.091 caracteres, 3.500 são considerados mais frequentes do uso diário. Ou seja, para o aprendiz alcançar a fluência na leitura de jornais e livros, é necessário adquirir 3.500 *hanzís*. Salienta-se que, no mandarim contemporâneo, a maior parte dos vocabulários é composta por dois caracteres. Dessa forma, reconhecer isoladamente os caracteres não é suficiente para

⁷Transcrição fonética IPA.

que o aprendiz seja capaz de compreender um texto em chinês, o sujeito tem de adquirir também uma grande bagagem de vocabulários formados por essas escritas.

2. Transcrição do mandarim para o alfabeto romano

Conforme mencionado anteriormente, a pronúncia dos caracteres não é indicada pela escrita, exceto os caracteres pertencentes à categoria picto-fonética. Porém, é importante salientar que, para esses *hanzis*, o componente fonético nem sempre designa a pronúncia exata, visto que mandarim é uma língua tonal. Por exemplo, os caracteres 妈 e 骂, ambos possuem o componente fonético 马 ([ma214]⁸), no entanto, o anterior é pronunciado com o primeiro tom ([ma55]), significando *mãe*, e o segundo, com o último tom ([ma51]), significando *xingar*.

Para facilitar a aprendizagem da escrita chinesa por estrangeiros e também pelos próprios chineses, o sistema de romanização chamado *Pinyin* (拼音) foi desenvolvido e difundido pelo governo chinês no ano 1958. Pin (拼) significa soletrar/juntar e Yin (音) significa sons. Esse sistema é usado apenas para o mandarim padrão, e não para os dialetos chineses⁹.

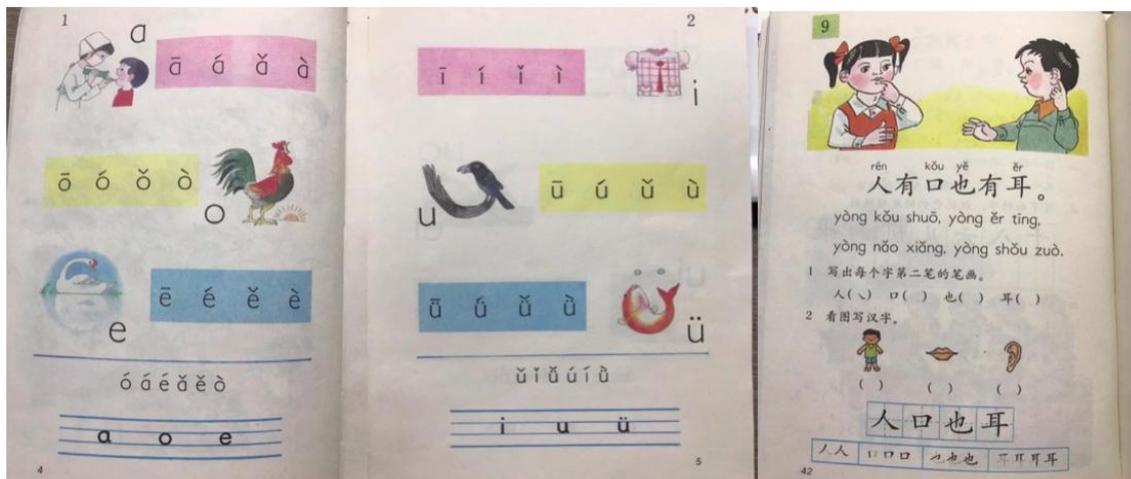
Na China continental, as crianças do primeiro ano do ensino fundamental (6-7 anos) aprendem a ler, primeiramente, a escrita alfabética (*pinyin*) antes de iniciar a instrução formal em ler e escrever caracteres chineses. Esse processo leva em torno de um semestre. A Figura 6 apresenta uma parte do livro didático utilizado em Xangai. Observa-se que, assim que as crianças começam a aprender os *hanzis*, o *pinyin* sempre aparece junto para reforçar a memorização. De acordo com as diretrizes para a

⁸O número refere-se ao valor tonal. No caso do mandarim, os significados das palavras podem ser modificados simplesmente pela alteração dos tons. Existem quatro tons lexicais, indicados pelos valores tonais 55 (tom constante), 35 (tom crescente), 214 (terceiro tom decrescente e crescente) e 51 (tom decrescente). Além dos quatro tons lexicais apresentados, há também um tom neutro, o qual se faz presente nas palavras gramaticais e que se encontra somente nas sílabas átonas (DUANMU, 2007).

⁹O mandarim refere-se à língua oficial da China e possui pronúncia padronizada, baseada nas características fonéticas do dialeto falado em Pequim, a capital do país. A existência de uma língua comum é justificada pelo grande número de dialetos falados na China, que dificulta a comunicação entre os próprios povos chineses. Yuan (2001) divide a língua chinesa em sete grandes famílias dialetais: o dialeto Mandarim⁹, falado na região norte da China, como na província Heilongjiang e na cidade de Pequim; o dialeto Wu, falado na região sul da China, como na província Zhejiang, na cidade de Xangai e nas cidades localizadas na região sul da província Jiangsu; o dialeto Xiang, falado principalmente na província Hunan; o dialeto Gan, falado principalmente na província Jiangxi; o dialeto Haca, falado em Fujian, Taiwan e Hongkong; o dialeto Yue, falado nas regiões Hong Kong e Macau e, por último, o dialeto Min, cujos falantes concentram-se principalmente em províncias como Fujian, Hainan, Taiwan, bem como nas cidades localizadas na região sul da província Zhejiang.

Educação Básica da China¹⁰, um aluno chinês consegue adquirir cerca de 3.000 *hanzi* do uso diário até o quinto ano.

Figura 6. Livro didático do primeiro ano do ensino básico utilizado em Xangai



Fonte: Comitê de pesquisa de educação em Xangai (1995)

Além das tarefas de interpretação e produção textual, o processo de aquisição dos caracteres acontece, principalmente, com base na memorização. O exercício de ditado é bastante presente no ensino. Quando o aluno erra o caractere, é solicitado a reescrevê-lo por dez, vinte ou mais vezes até não errar mais. Esse método também é muito comum no ensino de mandarim aos falantes estrangeiros. A peculiaridade da escrita chinesa é um dos maiores motivos que estimulam os brasileiros a se interessarem por esse idioma. Porém, por outro lado, o método de pura memorização também justifica o alto nível de desistência nos cursos.

A fim de contribuir para o ensino de mandarim como língua não nativa aos brasileiros, apresentam-se, na próxima seção, algumas sugestões e propostas de atividades que possam ser aplicadas em sala de aula para que o processo de aprendizagem torne-se mais produtivo e atraente.

5. Sugestões e propostas de atividades

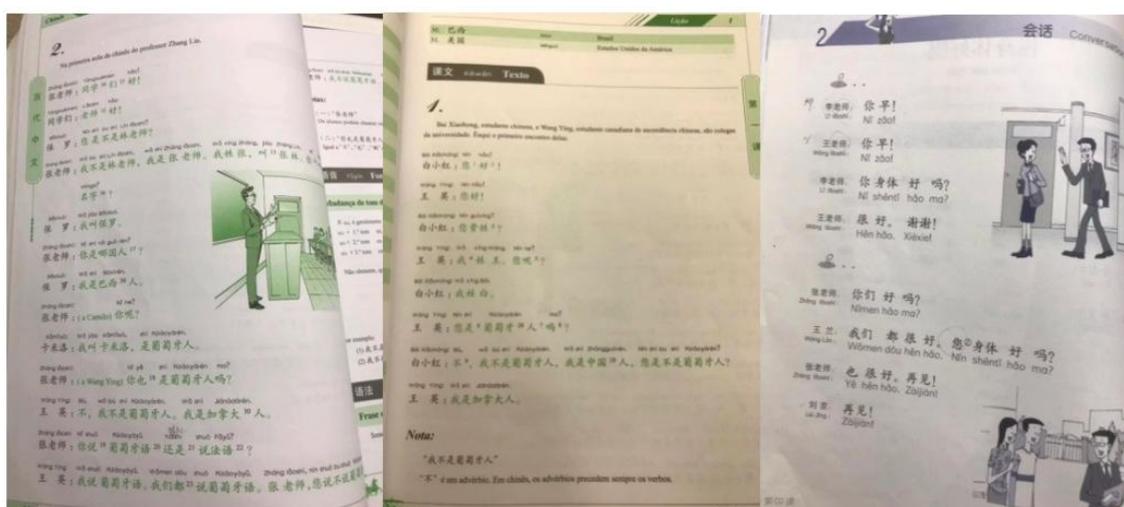
As estratégias adotadas pelas escolas de idioma sugerem ensinar aspectos gramaticais de forma paralela ao ensino de *hanzi*. É muito comum encontrar cursos que começam com aprendizagem do sistema *pinyin* e, logo após apresentaras noções básicas

¹⁰ Disponível em: <http://old.pep.com.cn/xiaoyu/jiaoshi/tbjx/kbjd/kb2011/>

dos caracteres chineses – normalmente em uma ou duas aulas – é introduzida a primeira lição que trata dos pontos gramaticais.

A Figura 7 a seguir apresenta o conteúdo da primeira lição nos dois livros didáticos mais utilizados na área de ensino do mandarim como língua estrangeira: *Contemporary Chinese* (WU, 2010) e *301 Daily Use Sentences* (KANG&LAI, 2005). Semelhante aos materiais de outros idiomas, a primeira lição sempre se inicia com cumprimento e autoapresentação. Embora a estrutura gramatical seja de fácil entendimento, como podemos observar, são diversos caracteres que os alunos precisam adquirir para poder realizar a leitura do texto sem apoio da transcrição fonética.

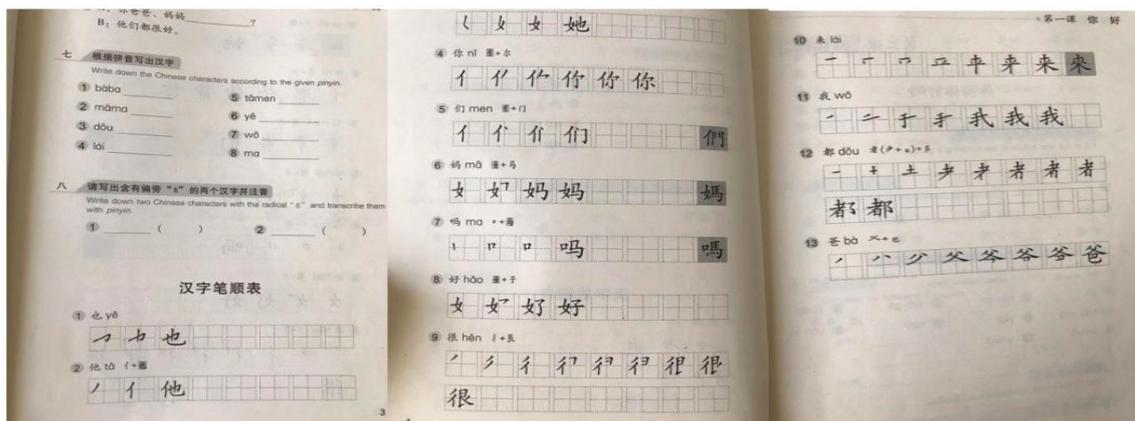
Figura 7. Livros didáticos utilizados para ensino de mandarim com língua não nativa



Fonte: *Contemporary Chinese* (WU, 2010) e *301 Daily Use Sentences* (KANG&LAI, 2005)

Junto ao livro didático, as atividades nos livros de exercícios são sempre divididas em duas partes: treino do conhecimento gramatical e treino de caligrafia, conforme ilustra a Figura 8 abaixo.

Figura 8. Exercícios dos livros didáticos

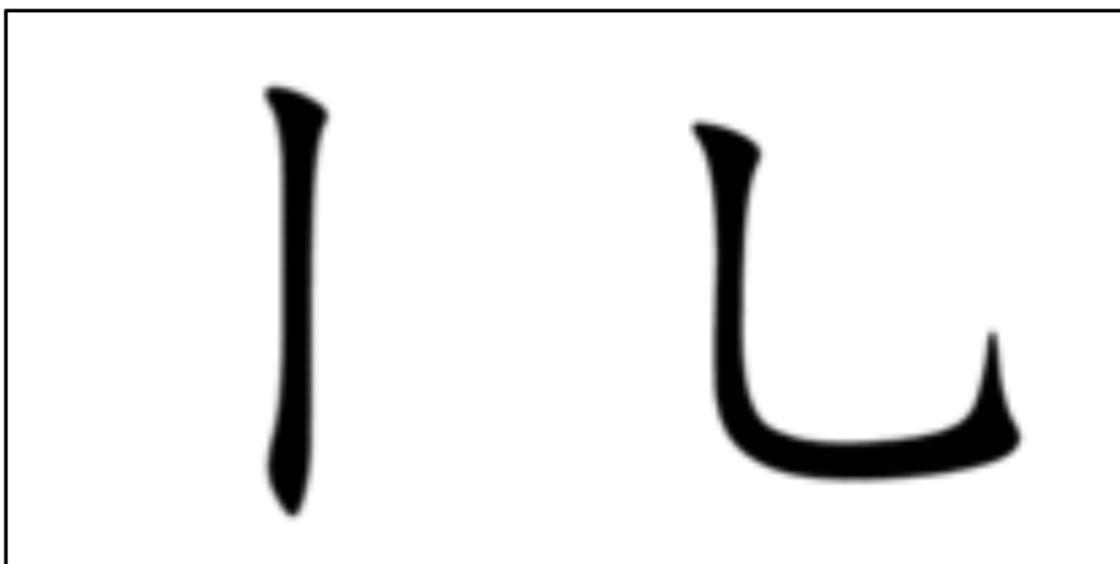


Fonte: 301 Daily Use Sentences (KANG&LAI, 2005)

Durante o ensino, percebe-se, principalmente no estágio inicial, que os alunos tendem a apresentar velocidade mais rápida na absorção do conteúdo gramatical em relação à escrita. Isso se deve a três razões: a) em sala de aula, os professores tendem a dar maior atenção na gramática e na pronúncia, enquanto a escrita fica como responsabilidade do aluno a ser treinada e memorizada em casa; b) de maneira geral, as aulas acontecem apenas uma vez por semana e a maioria dos alunos são funcionários de empresa e/ou universitários, sendo assim, eles têm pouca disponibilidade para dedicar-se à escrita que demanda bastante tempo e c) por uma questão cultural, os aprendizes brasileiros não têm o costume de “memorizar” o conteúdo e realizar grande quantidade de temas de casa diariamente. Considerando essas barreiras, a primeira sugestão proposta é a elaboração de programas com objetivos diferentes: um curso voltado ao aspecto gramatical e à conversação, e outro curso voltado à aprendizagem da escrita. Os alunos podem se matricular em um desses cursos ou podem fazer os dois simultaneamente conforme as suas necessidades. Três são os motivos para que haja essa divisão: a) os alunos terão mais tempo para conhecer, com maior profundidade, os caracteres, analisando suas estruturas junto aos professores; b) os alunos serão mais independentes na leitura. Pois, como nos livros didáticos, o *pinyin* é indicado em todas as frases, observa-se que os aprendizes tendem a realizar a leitura olhando somente para a transcrição fonética, criando a ilusão de que estão adquirindo a leitura dos caracteres; c) alunos que pretendem treinar apenas a conversação poderão dedicar-se, exclusivamente, a tal objetivo, sem preocuparem-se no treino da escrita. Partindo dessa ideia, algumas atividades estão indicadas a seguir para as aulas com foco no ensino de *hanzi*.

Como mencionado na seção 2, os traços são unidades mínimas na construção de um caractere chinês. O treinamento dos traços é a primeira lacuna que deve ser preenchido no ensino. A Figura 9 apresenta dois traços, o do lado esquerdo é conhecido como 竖 (vertical), e o do lado direito, como 竖弯钩 (vertical, curva e gancho). Os nomes são extremamente importantes para que o aluno aprenda a escrita, pois indicam as direções a serem seguidas. Na etapa inicial, o professor pode utilizar os próprios caracteres que compõem nome do traço, como 竖 e 竖弯钩, e pedir para os alunos identificarem e separarem os seus traços.

Figura 9. Exemplos de traços



Fonte: As autoras, com uso do site zidic (2019)

Quando os aprendizes estiverem bastante familiarizados com os traços, sugere-se que o professor comece a introduzir os caracteres mais simples, como os pictográficos, associando-os com imagens, conforme ilustra a Figura 10. Os professores podem também oferecer apenas imagens relacionadas à natureza e pedirem para os alunos simplificarem-nas para formação de caracteres e, posteriormente, compará-los às respostas, reforçando a memória.

Figura 10. Caracteres pictográficos



Fonte: <https://www.chineasy.com/learn/>

Além dos caracteres pictográficos, os *hanzis* referentes aos números, que apresentam poucos traços, também podem ser introduzidos nessa segunda fase de aprendizagem. Para que a aula seja mais interessante e interativa, é viável o jogo de *Sudoku* com preenchimento de *hanzis* nas células da grade, conforme apresenta a Figura 11 abaixo.

Figura 11. Jogo Sudoku

五	三			七				
六			一	九	五			
	九	八					六	
八				六				三
四			八	四	三			一
七				二				六
	六					二	八	
			四	一	九			五
				八			七	九

Fonte: As autoras (2019)

Na próxima etapa, aconselha-se o estudo dos componentes radicais. Conforme apresentado na seção 2, os componentes radicais são derivados de caracteres já existentes. Alguns mantêm a forma original para formar novos caracteres, por exemplo, 木 (caractere) → 木 (componente radical) → 树 (novo caractere) e 山 (caractere) → 山 (componente radical) → 岁 (novo caractere). Todavia, existem casos em que o componente radical sofre transformação, como 水¹¹ → 氵 → 游 e 手 → 扌 → 打. A atividade proposta para a aprendizagem desses componentes baseia-se no jogo de Eliminar Peças. Isto é, o aluno precisa encontrar, dentre uma determinada quantidade de caracteres, aqueles que possuem componentes radicais em comum e, em seguida,

¹¹Significado: água.

escrever em *pinyin* o nome componente e o seu sentido essencial, como apresenta a Figura 12 abaixo.

Figura 12. Jogo de Eliminar Peças



Fonte: As autoras (2019)

Não há problema se o aluno não reconhecer os caracteres utilizados, o objetivo dessa tarefa é treinar a sensibilidade do aprendiz na identificação dos componentes que, como consequência, ajudará na análise de estrutura dos *hanzis*, visto que alguns componentes aparecem em apenas uma posição, como 讠, este sempre ocupa a posição esquerda (ex.: 游), enquanto outros podem ocupar mais que uma posição na estrutura de um caractere, como 木, o qual pode aparecer tanto na posição esquerda (ex.: 树) quanto na superior (ex.: 李) ou na inferior (ex.: 朵).

Acredita-se que, somente após o aluno dominar os nomes dos traços e dos componentes radicais, sabendo escrevê-los de forma correta e com rapidez, é que ele conseguirá memorizar, com maior facilidade, os *hanzis* que aparecerão nas lições do livro.

Conclusão

No presente artigo, buscou-se apresentar, de forma panorâmica, o quadro de ensino da língua chinesa como língua estrangeira no Brasil, focando o aspecto da escrita. A partir dos problemas levantados, foram sugeridas possíveis atividades que possam ser desenvolvidas em sala de aula na fase inicial do estudo do mandarim por estudantes brasileiros. Embora a *repetição* seja uma forma imprescindível na aprendizagem da

escrita chinesa, as aulas devem ser orientadas com métodos diversificados para motivar o interesse dos alunos, tornando o processo de memorização menos doloroso. Portanto, considera-se o ensino dos traços, dos componentes e das estruturas dos *hanzis* extremamente importante para maior facilidade no estudo nas etapas posteriores. Os cursos de idioma costumam dar menos atenção a essa parte por ser um processo demorado. É possível perceber que, quando os alunos chegam ao nível mais avançado, a tendência é eles voltarem aos níveis básicos para recuperação do estudo da escrita.

Além das atividades apontadas, o uso de tecnologias digitais também deve ser considerado na nova proposta de organização de conteúdo. Hoje em dia, há diversos aplicativos que facilitam o acesso e utilização de material autêntico – como música e trechos de filmes – e possibilitam a realização de tarefas na língua-alvo no celular ou no computador.

O mandarim é uma língua que chegou recentemente ao Brasil, por isso, ainda há diversos métodos que devem ser pensados e explorados de acordo com a reação dos alunos brasileiros, já que as dificuldades são amenizadas apenas se as lacunas de ensino e de aprendizagem forem minimizadas. Deste modo, buscou-se abarcar com o presente artigo, algumas estratégias e ações pontuais que atendam as demandas observadas na aprendizagem do mandarim pelos estudantes brasileiros.

Referências

- DUBOIS, J. et al. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- DUANMU, S. *The phonology of Standard Chinese*. New York: Oxford University Press, 2007.
- KANG, Y.H; LAI, S.P. *301 Daily Use Sentences*. 301 Frases do Uso Diário. 3. Ed. Pequim: Beijing Language and Culture University Press, 2005.
- LENG, Y.L; WEI, Y.X. *Dicionário Zhonghua*. Pequim: Zhongguoyouyichuban gongsi, 1994.
- TSO, M.A. *Xi Suo Han Zi*. Pequim: JiuZhou, 2005.
- WU, Z.W. *Contemporary Chinese*. Chinês Contemporâneo. Pequim: Sinolingua, 2010.
- YUAN, J.H. *Hanyu Fangyan Gaiyao*. 2. ed. Beijing: YuWen Audio and Video Publishing Press, 2001. 323 p.